

Introdução ao Ceno-teste¹

Introduction to Sceno-test

Anna Kattrin Kemper

- I – Material: composição, descrição e significação
- II – O que o Ceno representa
- III – Vantagem do Ceno
- IV – Possibilidades especiais do Ceno
- V – Como valorizar as verificações conseguidas pelo Ceno
- VI – Algumas indicações para a aplicação do Ceno
- VII – O Ceno como diagnóstico

I – Material: composição, descrição e significação

As observações dos jogos infantis mostram claramente que os papéis e cenas que as crianças representam nos jogos, constituem expressões de temas elaborados que preocupam de forma adequada a sua mentalidade. Assim os jogos estão cheios de conteúdo inconsciente. É especialmente devido a isto que a ludoterapia é usada desde Anna Freud na terapia analítica das crianças. Derivado destas experiências A. von Staabs juntou, em forma padronizada, figuras e objetos significativos para representações de vivências e relações infantis típicas e criou, em 1943, o Ceno-Teste. Uma ideia antiga foi assim aplicada numa disposição mais clara e que podia ser supervisionada, correspondendo bem à mentalidade original da criança.

O material do Ceno consiste em um conjunto de figuras que representam personagens do ambiente da criança e objetos significativos para as vivências do mundo infantil.

As figuras humanas do Ceno – incluindo todas as idades desde nenê até o avô – possibilitam à criança a representação de percepções de acontecimentos imaginados ou reais ligadas às pessoas ambientais.

1. Notas de Seminários 1956.

Os animais do Ceno servem para demonstrar reações identificatórias e projetivas da criança especialmente correspondendo à expressão simbólica.

As árvores, flores e frutas permitem à criança exprimir especialmente as suas relações emocionais-afetivas.

Os tijolos possibilitam à criança construções de quartos, salas, banheiros, cozinhas e seus acessórios. Servem também para representar cercas, gaiolas, torres, casas, etc. – demonstrações que correspondem principalmente a vivências típicas, durante as fases específicas do desenvolvimento infantil.

As figuras do Ceno, inclusive as de animais, oferecem à criança de maneira especial possibilidades de identificação e demonstração de suas relações objetais.

O material do Ceno permite também representar em sentido especial, as imagens infantis, principalmente de caráter projetivo.

Apesar de todo os indícios específicos, o aproveitamento do Ceno exige a consideração de que suas representações constituem apenas indicações. Raras vezes recebemos indicações obviamente claras, dadas por um objeto só e em geral as significações não são fixas para cada figura ou objeto.

Por ex.:

O avô – pode representar o avô real da criança, como também uma instância autoritária qualquer, como: o pai, o professor, etc., e até mesmo Deus; indiretamente, portanto, pode ainda representar o próprio superego.

O pai – pode representar também o professor, o tio, ou irmão mais velho.

A empregada – pode representar também a mãe, tia ou irmã muito mais velha.

A princesa – representa, em geral, as superexpectativas de caráter narcísico. Representa também, especialmente em meninos, uma passividade extrema e até mesmo tendências feminoides.

Os gêmeos – quando usados por crianças que não são gêmeas, representam o desejo de relações mais íntimas. Representam também partes da personalidade não bastante assimiladas e até, traços esquisoides.

O nenê – representa irmãos mais novos, desejos de ser mimado e às vezes tendências de regressão.

As Galinhas e os Pintinhos – representam os irmãos mais jovens, mas também o desejo de ter um ninho bem abrigado. Podem, além disto, representar os barulhos desagradáveis: por ex.: As mães que xingam muito, ou as irmãs, que gritam por qualquer coisa.

Os automóveis – representam expansões propulsivas, impulsos de fuga e agressões bem acentuadas, também de caráter sexual.

O trem – pode indicar expansões ricas em fantasias e sim [...].

O quadro-negro – liga-se, em geral, à situação escolar e especificamente à vontade imperiosa (categórica) de saber e de provar (pôr o preto no branco). Mas, sobretudo, o quadro negro representa o Superego.

O cachorro – representa desejos de carinho, como também vivências agressivas projetadas ou introjetadas.

O macaco – representa impulsos animais, tendências acrobáticas de fuga, e especialmente desejos de esconder-se. (Tentativas de suportar situações graves).

O jacaré, o ganso, e a raposa, – representam diferentes formas de agressividade.

A raposa – representa especialmente vivências e reações da astúcia, esper-teza e falsidade.

A vaca – representa a imagem maternal, tanto no sentido dadivoso como sufocante.

O refletor vermelho – pode exprimir desejos de uma atmosfera de carinho ou uma situação de advertência.

Indicações que correspondem a uma determinação só ou significações de caráter muito óbvio são anunciadas pelos seguintes objetos e representações:

A pele exprime saudade e carinho.

As frutas, pratos, copos e mamadeira indicam o tema oral.

O urinol e a privada – representam o tema anal e, anal-uretral.

A cegonha e muitas vezes o porco e o macaco, indicam o tema sexual. As figuras que na representação não deixam transparecer uma identificação da criança seja consigo mesma, ou com as pessoas de seu ambiente, podem representar partes da própria personalidade da criança, vagamente percebidas, ou reprimidas, à semelhança das pessoas desconhecidas nos sonhos.

A simetria, ansiosamente executada na colocação dos objetos e na regularidade da aplicação das cores mostram tendências compulsivas.

A preferência óbvia por animais significa, em geral, o medo de pessoas, que se baseia, especialmente, em impulsos agressivos vivenciados como perigosos.

As representações em que repetidamente só apareça uma única figura humana – ou em que nenhuma figura humana apareça, indicam perturbações graves de contato.

Uma figura colocada como morta, ou como que num caixão de defunto, representa em geral, impulsos de morte e sentimentos de culpa graves.

Uma figura identificatória colocada ou deitada num canto isolado exprime vivências de isolamento de caráter depressivo.

Uma casa deitada – representa o lar sem proteção, especialmente a mãe vaga, instável.

Uma casa demasiadamente, fechada – indica o lar muito limitado, especialmente a mãe fechada, frustradora.

As árvores – representam prevalentemente símbolos maternos. (Pelas representações das árvores se deixam controlar as significações das representações das casas).

II – O que o Ceno representa

Achamos que os conteúdos fundamentais do Ceno correspondem aos conteúdos dos sonhos. As representações podem indicar principalmente repetições das vivências significativas, sejam do passado ou da atualidade e inclusive das situações traumáticas patógenas com todas suas consequências. Tornam-se especificadamente transparentes nas representações, por ex.:

1 – Impulsos inibidos das fases anteriores e atuais. Por ex.: inibições orais na sua representação nítida, ou nas suas consequências no sentido categorial.

2 – Desejos, tanto os fantásticos como os realizáveis. Por ex.: um castelo na lua ou a maçã da árvore.

3 – Ambivalências.

4 – Identificações

5 – Reações defensivas, especialmente na representação das camuflagens, correspondentes às deformações nos sonhos.

6 – Projeções.

7 – Angústias gerais e especiais.

8 – Indicações sobre as capacidades específicas. Por ex.: habilidade manual, capacidade combinatória, fantasia construtiva e até artística.

9 – Indicações de caráter prospectivo.

E assim as representações podem fornecer:

a – Indicações quanto à estrutura.

b – Indicações quanto à problemática consciente e inconsciente.

III – Vantagem do Ceno

Em comparação com os brinquedos usuais notamos que os objetos do Ceno não são suficientemente estimulantes: Eles tocam mas não provocam interesse e fantasia.

A padronização diminuiu os pontos de atração superficiais da escolha dos objetos. Por ex.: Um urinol pintado de flores poderia ser escolhido também por causa da decoração e não porque se tratar de urinol.

A padronização oferece boas possibilidades para comparar ou controlar.

- a – Com as outras representações da criança, durante o tratamento;
- b – com as representações de outros pacientes;
- c – com as comunicações dos colegas.

A padronização, inclusive a limitação do campo para as representações, permitem uma boa supervisão do que se passa na hora.

A limitação do campo: exige uma certa concentração, que, em geral, se demonstra como um fator positivo.

O limite do campo permite, ainda, controlar, de um modo especial o grau da capacidade de adaptação.

IV – Possibilidades especiais do Ceno

No trabalho terapêutico, o Ceno mostrou-se especialmente produtivo pelas seguintes razões:

1) Uma vez que os objetos são adequados para as representações das vivências do mundo infantil, pode ser bem percebido e pesquisado aquilo que está mobilizado na criança. A plasticidade das representações do Ceno, em geral, demonstradas vivas e até dramaticamente, deixam surgir os conteúdos, bem obviamente. Outros objetos oferecem na ludoterapia as mesmas possibilidades, mas não de um modo tão supervisionável e controlável, como oferece o Ceno.

2) Pelo fato de a representação no Ceno as crianças dramatizarem, “brincando como num palco”, as inibições são diminuídas; Por exemplo: A representação com as figuras e objetos aplicados assim, facilita a descarga de afetos dirigidos contra as pessoas. Numa ação deste tipo, ação simbólica, a responsabilidade não está tanto na função como na expressão direta, seja verbalizada, seja na ação muda ou de formas bem diferentes.

Por exemplo, pelas representações de caráter extremamente frustrador e até persecutórias, ou pelas representações de modo gigantesco e mágico que tornam evidentes as vivências arcaicas da criança.

3) Como nas representações do Ceno surgem as mais diversas imagens, permitem-se evidenciar conteúdos típicos das várias fases do desenvolvimento infantil. Por exemplo. fora das demonstrações da Oralidade óbvia e pura, vêm

a ser representadas intenções de categoria oral. Por exemplo, exigem os objetos que são em sua maioria pequenos, um modo de pegar e agir, que oferece a possibilidade para verificar se a criança, pela apreensão e construção, se permite ou não aos impulsos e às realizações de caráter captativo (conquistador).

As fixações anais representam-se no aspecto obsessivo pela regularidade na aplicação das cores e nas formações simétricas acentuadas. De maneira geral se demonstram as fixações anais através das reações insólitas, por exemplo pelo ato de colocar a mãe ou o pai na privada, ou colocar o urinol na sala.

Conteúdos uretrais se exprimem por exemplo: nas superconstruções, às vezes muito vagas e especialmente altas.

Preocupações sexuais intensas se tornam evidentes pela representação de caráter de curiosidade extrema, ou pelas representações de camuflagens. Por exemplo: pela colocação de duas crianças afastadas no banheiro.

4) Os impulsos, inclusive as suas elaborações secundárias, quando se manifestam nas representações, são perceptíveis no estado nascente. Assim não estão tão submetidas à censura, como o são em geral nas comunicações verbais (produção em vez de reprodução).

5) As representações do Ceno são comunicações, em geral bem vivas e intensas em relação à ação, especialmente à motricidade. Por isto, as reações são mais dinâmicas, do que as comunicações verbais dos fatos, na situação analítica usual. Há ações reais nas representações do Ceno, ao contrário das comunicações de ações irreais dos sonhos e das imagens fantásticas.

6) As representações do Ceno parecem facilitar a transferência – porque, sendo aparentemente um jogo, é menor a necessidade de defender-se. Mesmo se a criança age durante as representações como um “*regisseur*”, um “diretor” – e o terapeuta parece ter o papel de um mero ator coadjuvante.

As reações durante as representações do Ceno – palavras, atitudes, expressões mímicas e gestos, servem para controlar e compreender melhor os conteúdos representados. As atitudes, como as comunicações verbais, correspondem às associações dos sonhos.

V – Como valorizar as verificações conseguidas pelo Ceno

1 – As verificações feitas pelo Ceno, as observações das reações, das relações, das atitudes durante as representações, exigem que seja respeitada a idade da criança. Por exemplo:

a – Uma criança de quatro anos não tem, normalmente, a mesma capacidade manual que uma de seis anos.

b – Indícios de uma inteligência viva, na representação de uma criança de 4 a 6 anos, tem muito valor. Os mesmos sinais representados pelas crianças de 6 anos em diante, já não são tão extraordinários.

c – A construção incompleta, de uma criança de 3 a 6 anos não chama tanto a atenção, como chamaria numa criança de 6 anos ou mais.

d – A composição dos objetos, feita por uma criança de 4 até 6 anos será normalmente menos precisa do que as composições de crianças até de 6 anos ou mais.

e – A destruição, bem acentuada, na representação de uma criança de 3 a 4 anos não tem valor tão evidente, como o tem na representação de uma criança de 6 anos ou mais.

f – A realidade psíquica subjetiva é normalmente mais acentuada nas representações das crianças de 3 a 7 anos, do que nas representações das crianças de 7 a 12 anos.

g – As identificações representadas pelas crianças dos 6 aos 12 anos são em geral mais visíveis e mais claras, do que as de crianças dos 3 aos 6 anos.

h – As projeções abstrusas, que surgem nas representações de 3 até 6 anos, estão mais adequadas a esta idade, do que se estas mesmas projeções surgissem em crianças de 6 a 12 anos.

i – Os conteúdos fantásticos, que surgem nas representações podem ser relativamente adequadas para crianças de 3 a 4 anos, mas inadequadas para crianças de 6 e mais.

j – As camuflagens são, em geral, mais frequentes e mais acentuadas nas representações das crianças de 6 a 12 anos, do que nas de 3 aos 6.

As fases do desenvolvimento infantil precisam ser consideradas.

Por exemplo, as vivências pré-genitais, mais do que as de 5 anos em diante. E, por outro lado, as crianças de 5 até 7 anos, isto é, na altura da situação edipiana, estão normalmente mais mobilizadas pelos impulsos genitais do que as crianças mais jovens.

A diferenciação entre as representações de carácter predominantemente pré-genital ou genital ajuda, especialmente nos casos que mostram sinais de um desenvolvimento precoce da sexualidade.

A preocupação sexual, quando é representada por um único símbolo, ou por um ato simbólico aparentemente significativo da preocupação sexual, não deve ser valorizada em todos os casos como indício de problemática séria neste setor. Por exemplo: Se uma criança representa uma trombada de carros e nenhum outro material sublinha a significação sexual, parece melhor considerar esta trombada como ação agressiva; mesmo se a criança queria realmente simbolizar

a cena primária e, ao interpretar o ato como agressivo, o terapeuta não errou, pois se trata de uma sexualidade subjetivamente vivenciada como agressiva.

As experiências mostram que, na maioria dos casos, é mais frutífero (para evitar choques) tocar em geral os problemas sexuais depois que se tiver já tratado durante bastante tempo os temas orais, anais, uretrais, na consideração especial dos problemas agressivos.

Os tratamentos psicoterapêuticos de crianças confirmam as teses das pesquisas analíticas feitas durante os últimos quinze anos, de que a função da agressividade na vida humana está no mínimo no mesmo grau de intensidade do que os impulsos libidinais.

2 – O nível social e a cultura em que vive a criança, precisam ser respeitados na valorização.

Por exemplo: Uma criança de um ambiente onde é alto o nível cultural representará, em geral, mais traços intelectuais e artísticos, do que a criança que vive em ambiente de nível mais baixo. No primeiro caso, os traços intelectuais e artísticos representados exprimem prevalentemente imitações e, em parte assimilações; neste caso, as representações não indicam sempre intelecto original, ou tendências artísticas. Mas, se estas mesmas representações se observam em crianças de um nível mais baixo, elas indicam então, tendências originais.

Outro exemplo: Se uma criança de nível alto, na representação, age perante a figura da empregada como alguém que manda, a sua atitude indica uma provável cópia de seu ambiente. Mas essa mesma reação em uma criança de nível baixo, indica com mais probabilidade que esta criança manda, ou quer mandar na mãe fraca.

A privada colocada no centro do quarto, não indica necessariamente anallidade acentuada em criança de nível baixo, mas indica fixação anal, com muita frequência, em criança de nível mais elevado.

3 – O sexo precisa ser, também, considerado na valorização. Por exemplo:

Um menino com idade de até 7anos que mais frequentemente representa funções femininas (cozinhar, lavar, limpar, etc.), se ele durante a representação não dá mostras de uma superpassividade – seja pela negação dos impulsos agressivos ou por identificação com algumas figuras femininas – então este menino, que tem interesses em tonalidade feminina, não precisa denotar tendências prejudiciais de caráter feminoide.

Nas representações de meninas de 5 a 12 anos, que mostram sinais masculinos acentuados é preciso que se explore a representação da atividade agressiva e especialmente os modos de competir. Devem ser ainda observadas as

atitudes que acompanham as representações, para verificar se existem, ou não, reações fálicas evidentes; sejam reações obviamente dominadoras, ou atitudes muito ríspidas e duras.

Nos casos de meninas, onde for difícil esclarecer suficientemente as tendências masculinas, as atitudes, especialmente o modo de mover-se, de falar, as expressões mímicas, assim como certos gestos, oferecem quase sempre um controle idôneo para conseguir uma verificação mais clara.

Tanto nos casos de meninos, como nos de meninas, é dado pelo modo de estabelecer as relações objetais especialmente de caráter materno, o controle central.

4 – A sequência, em que são representados os objetos e as figuras parece também importante na valorização do Ceno. Por exemplo:

Uma criança colocou a privada como primeiro objeto a entrar em cena, mas depois ela desligou do tema anunciado e, em suas manifestações posteriores, a analidade não tornou a aparecer. Por causa deste início significativo, do qual a criança saltou, numa reação abrupta, o terapeuta tem que supor que a analidade é, com muita probabilidade, um ponto de fixação marcante na estruturação dessa criança. Outro exemplo:

A criança começa a sua primeira representação com a vaca e coloca uma mulher para ordenhar o leite. Nas reações seguintes ela não sublinhou o tema da “mãe dádívosa”. Isto indica, em geral, que não se trata de mãe deste tipo, como poderia parecer, mas ao contrário, que a mãe foi sentida como sufocante, frustradora e, em consequência disso, se representaram desejos de situações nunca vividas. Mais um exemplo:

Uma criança representou inicialmente um quarto relativamente vazio de expressão pobre, contendo só uma figura, que poderia servir como modelo identificatório de si mesma. Em seguida, ela construiu outros quartos, cheios de objetos e de figuras. Neste caso é pela sequência anunciada, que a criança provavelmente representou com o primeiro quarto, a sua própria situação psíquica. Os outros quartos correspondem então aos seus desejos de ligações objetais, ou representam camuflagens. Não só o tema predominante nas primeiras representações, como também o primeiro tema representado correspondem em geral, em importância, aos sonhos iniciais nas análises dos adultos.

VI – Algumas indicações para a aplicação do Ceno

Com as indicações por exemplo de que a tampa da caixa serve como plano e palco e “faz de conta” com os objetos e as figuras, etc., o terapeuta pode acres-

centar, que está interessado em saber, ou que acha que a criança tem fantasia, imagens vivas ou coragem para dramatizar com o Ceno.

Podem ser dadas instruções gerais em pequenas provas de como usar o material.

Depois dessas informações, o terapeuta deve esperar os conteúdos representados. E só no caso em que haja o perigo de que a criança não consiga dramatizar, ou acabe cedo demais, o terapeuta pode dar uma certa ajuda, seja por pequeno estímulo, ou por um auxílio técnico, correspondente às intenções da criança.

Algumas palavras de afirmação – aplicada por exemplo: com um “hum” de expressão confirmativa, ou por um “oba” ou “bem feito” da mesma tonalidade, acompanhando os temas representados – fazem parte da terapia. Pequenas perguntas: “Que representa isto”, “Que faz ela ou ele”? “Que dizem ou pensam eles”? “O que vai ser representado hoje?”, assim como as alusões sobre as representações anteriores são, também, meios terapêuticos.

Conforme a situação terapêutica, os temas representados podem ser interpretados em forma direta ou indireta. O momento adequado para as interpretações, o terapeuta pode sentir. O perigo que há, a nosso ver é que o terapeuta interprete cedo demais. Pelas representações do Ceno, os temas centrais se repetem quase sempre, de modo que não existe, em geral, o perigo de perder definitivamente a ocasião de dar as interpretações necessárias.

As representações de caráter obediente, comodista ou de camuflagens, têm que ser interpretadas imediatamente (análise de defesa).

Não só a compreensão dos conteúdos representados, como as interpretações dos mesmos, exige a capacidade de saber e sentir as vivências típicas e específicas do mundo infantil.

As interpretações devem ser dadas em uma forma compreensível e sobretudo aceitável pela mentalidade da criança.

Na terapia infantil se mostra mais intensivamente necessário focalizar as interpretações, sensações e vivências afetivas-emotivas do que na do adulto.

Como sabemos, facilitam as comunicações dos conflitos a superação dos mesmos. Por isso se o tema especial foi bastante preparado, podem ser dados certos estímulos para que a criança, através das representações, se confronte diversas vezes de novo com a situação conflitiva. Assim, por exemplo, podia ser dito para entrar indiretamente nos temas centrais. “Vamos ver o que acontece hoje com o jacaré, com a velha ou o velhote etc.”

Nas situações adequadas, o terapeuta pode também entrar ativamente nas representações. Por exemplo: Se a criança não arrisca representar impulsos

agressivos vividos como perigosos demais, o terapeuta então, sem falar, pode entrar de algum modo no conflito pela representação dos impulsos reprimidos. O papel do terapeuta, ao participar ativamente das representações ligadas à problemática da criança numa atitude que corresponde às comunicações mudas, se mostra bem frutífero. E isso, principalmente, porque as crianças, em certo período do tratamento, quase sempre se recusam a aceitar interpretações verbais diretas. As comunicações mudas aplicadas através das representações do terapeuta, se evidenciam valiosas, nos diversos aspectos. Por exemplo: se o terapeuta quer se referir à história do paciente, em vez de interpretar verbalmente uma figura de criança, dá a sensação de uso do simbólico, age com um animal representativo para a identificação dela, como um cachorro, um macaco ou pássaro. A vantagem dessa maneira de procedimento se mostra especialmente na diminuição das resistências intensas.

Para a entrada indireta no tema, o Ceno oferece boas possibilidades. A participação desse modo exige capacidade imaginária e plástica do terapeuta.

A grande acentuação do papel das imagens infantis nas obras de Mel. Klein, J. Rivière e P. Heimann, como também da fase das imagens mágicas pela qual as crianças passam mais tarde, fazem compreender o volume e a importância das fantasias e imagens na vida infantil. A psicoterapia da criança não exige somente o conhecimento teórico das imagens infantis. Para encontrar-se bastante intimamente com os pequenos clientes, a capacidade de imaginação do próprio terapeuta, livre e ampla parece indispensável. Por exemplo: Toda a orientação sobre a mitologia e folclore não ajudam muito se o terapeuta não pode chegar a imaginar e sentir aproximadamente o que poderia significar para a vivência da criança, um dragão, uma cobra, uma aranha, o sapo, a lagartixa, o urso, o lobo, o touro, o cavalo, etc. Reconhecer a significação simbólica por si só, como fato estático e parte de um conjunto, não basta para compreender as mobilizações que estão atrás das manifestações simbólicas da criança. Os conteúdos do mundo infantil, compreendidos no sentido alegórico, parecem corresponder mais amplamente às imagens infantis; o Ceno oferece muitas possibilidades para a concepção alegórica das representações simbólicas, como corrente dinâmica, como uma cena, ou conto.

As projeções fantásticas demonstradas por reações simbólicas, por exemplo de modo obsessivo, ou fóbico, podem corresponder intensamente a correntes dinâmicas. Assim, por exemplo, na ideia fantástica (como ocorreu na fobia do cavalo – na história do pequeno Hans, relatada por Freud) focaliza-se, em primeiro lugar, a angústia da fase edípica, projetada no cavalo,

como representante simbólico; as pré-formações desta fobia porém, eram dadas além disso por outras atmosferas traumáticas fantásticamente vividas muito mais cedo.

Repetimos, pois, que a análise de crianças exige muito da capacidade de uma imaginação rica, por parte do terapeuta. Ele deve ser capaz de fantasiar imaginariamente, para que possa com maior plasticidade e intensidade admitir, por exemplo, que as folhas e as nuvens não são objetos concretos para a criança pequena. As folhas e nuvens, como formações, podem representar para a criança sensações de diversas categorias, dependendo das imagens fantásticas dela. Por exemplo, poderiam ser para uma criança, fenômenos vagos, como fumaça perigosa, ou partes de corpos, mãos ou rostos ameaçadores; já para outra criança, estas mesmas formações poderiam significar objetos como pássaros, ou navios interessantes; para uma terceira, misturas dessas imagens. Sem que tenha bastante fantasia livre e sensibilidade acentuada, o terapeuta não poderá penetrar nestas imagens.

A capacidade de imaginação faz parte das reações espontâneas que se mostram necessárias no tratamento de criança. Uma outra característica espontânea, de que o terapeuta precisa, é bastante coragem. Devido às etapas significativas do desenvolvimento infantil, a criança tem que:

1 – Encontrar e suportar a vida inicialmente pelas percepções e imagens.

Por exemplo, seio igual a mãe boa ou má.

2 – Enfrentar depois o mundo mau ou bom, principalmente correspondente à capacidade das coordenações musculares, agindo:

a – com objetos substitutos na dedicação, dramatizando, para se adaptar mais tarde;

b – as ações definitivas com objetos reais.

O Ceno, oferecendo tanto a possibilidade para reações imaginativas, como também para ações manuais, como meio de agir, brincando, dramatizando, permite representar de forma muito plástica e ilustrativa vivências típicas do mundo infantil.

VII – O Ceno, como diagnóstico

Serve para complementar e controlar o diagnóstico diferencial. Por exemplo, é especialmente útil, nos casos de pseudodebilidade, ou nas situações atuais, em que a criança, ou o adolescente, não quer falar sobre um acontecimento vivido como perigoso ou conflitivo. Em comparação com os outros testes, vemos, que

o Ceno não respeita apenas o grau de maturidade intelectual (como o de Binet), ele indica especialmente o desenvolvimento da parte afetiva da personalidade. Em comparação com o Rorschach, que permite de modo inferencial as conclusões sobre a vida afetiva, o Ceno tem a vantagem de oferecer para a criança um meio mais amplo, mais concreto e diferenciado para demonstrar os seus afetos e imagens.

O Ceno tem também certo valor no aspecto das indicações terapêuticas.

* * *

1 – especialmente em reações corajosas, exige que o terapeuta não seja vítima de suas próprias angústias. Isto é importante porque, ao contrário do que ocorre na análise do adulto a análise da criança, geralmente não deixa tempo para controlar as próprias reações.

Os momentos anteriormente considerados sob o ponto de vista da aplicação terapeuta só servem para uma pequena introdução.